

## QUANDO A PAUTA É A RUA

Suzana Rozendo<sup>1</sup>

### Resumen:

Este artigo tem por objetivo traçar uma relação dialética entre a casa e a rua, utilizando como objetos de trabalhos textos produzidos por pessoas em situação de rua e publicados em *street papers*, jornais e revistas vendidos por 12 mil desabrigados em 40 países do mundo, com foco na América Latina. Ainda, faz um paralelo com alguns artigos da Declaração Universal dos Direitos do Homem e fala da importância destes veículos de comunicação para a melhora da qualidade de vida de um público pouco conhecido e, muitas vezes, discriminado pela sociedade. O trabalho será composto por levantamento bibliográfico e reflexão teórica transdisciplinar, com intelectuais da Comunicação, da Antropologia e da Psicologia Social.

### Palavra chave:

Casa; rua; pessoas em situação de rua; *street papers*, Declaração Universal dos Direitos do Homem.

### Abstract:

This article aims to make a dialectical relationship between the house and the street, using as work's objects texts produced by homeless published in street papers-newspapers and magazines sold for 12,000 homeless people in 40 countries worldwide, with focus in Latin America. The text makes a parallel with some articles of the Universal Declaration of Human Rights and talks about the importance of these media to improve quality of life of an audience unfamiliar and often discriminated by society. The work will consist of theoretical literature and interdisciplinary reflection, with researchers of Communication, Anthropology and Social Psychology.

### Keywords:

house, street, homeless, street papers, Universal Declaration of Human Rights.

## Introdução

Quando o comércio se fecha, as luzes das casas se apagam e as pessoas estão protegidas no conforto de seus lares e no aconchego de seus familiares, alguns indivíduos dormem em camas de concreto forradas com papelão, expostos a frio, chuva e vento, nos becos subterrâneos ou em seus “mocós”, apelido dado ao canto escolhido para as suas “privacidades”. É comum estarem cobertos dos pés a cabeça com cobertores acinzentados feitos de um material que pertence ao grupo dos tecidos não tecidos (TNTs), uma mistura de fibras têxteis, elásticos e linhas de costura recicladas de empresas de confecções. São homens e mulheres de todas as idades, que foram parar nas ruas por motivos diversos (vícios, perda de emprego, rompimento de laços familiares, catástrofes, etc) e sobrevivem realizando trabalhos informais, mendigando, com auxílio de ajudas de caridade ou do Estado ou, até mesmo, cometendo pequenos furtos.

Com frequência têm dificuldades para conseguir um local seguro para dormir e dispensam o usufruto de albergues públicos porque considerarem as regras rígidas ou pelas condições insalubres de muitas instituições. As rotinas de sobrevivência da população de rua vão de encontro ao texto do Artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948:

Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle<sup>2</sup>.

São pessoas de diferentes índoles, que fazem parte de um grupo heterogêneo, mas, geralmente são tachadas pelo senso comum por seus comportamentos desviantes, como se fossem uma patologia social. Sobre isso, escreve Gilberto Velho (2003, p.11):

Tradicionalmente, o indivíduo desviante tem sido encarado a partir de uma perspectiva médica preocupada em distinguir o “são” do “não são” ou do “insano”. Assim, certas pessoas apresentariam características de comportamento “anormais”, sintomas ou expressão de desequilíbrio e doença.

Quantos de nós, ao nos depararmos com um sem-teto caminhando em nossa direção, apressamos o passo ou cerramos as janelas dos carros com receio de um assalto? Não estamos querendo dizer que não é preciso tomar esses cuidados, como já foi dito, nem todos que estão nas ruas são “mocinhos” e nem todos são “vilões”, mas para ilustrar a proposição e entender a ideia preconcebida que temos sobre esses indivíduos, não raro assimilamos as pessoas de rua com pés descalços, quando a maioria delas não tem este atributo. Sobre isso, Frangella (2010, p.805) apresenta uma explicação: “essa etnografia se inicia pelos pés, a marca mais evidente da situação de rua, da exposição corporal e da subtração material e social que caracteriza suas vidas”. Segundo a autora, a fronteira entre os pés e o asfalto é como se fosse uma “etiqueta” da realidade “sem-nada” destes indivíduos:

Desprovidos de bens materiais, sem casa, absolutamente fora das práticas de consumo, envelhecendo na rua, o corpo é o único suporte que lhes resta e que lhes é irredutível... Mas é também a partir do corpo que surgem as possibilidades de resistência do morador de rua à exclusão (Frangella, 2010, p.804).

Sendo o corpo o único bem que possuem, é comum observamos nos depoimentos de pessoas que pertencem a este público o medo que têm de morrer queimados enquanto dormem<sup>3</sup>. O temor se agrava quando são noticiados fatos recorrentes como o de três jovens, que em fevereiro de 2012, incendiaram um sofá onde dormiam dois sem-teto em Santa Maria, no Distrito Federal, causando a morte de um deles, que teve 63% do corpo queimado<sup>4</sup>.

## A casa versus a rua

Para a maioria das pessoas a rua é um lugar de passagem. Na cultura ocidental, o que se espera é que os seres humanos tenham um espaço físico próprio, onde dispõem móveis, equipamentos e utensílios que caracterizam uma casa:

O morar humano é cultural. A forma de morar define o status, a classe a que se pertence. Na privacidade do lar nos banhamos, mantemos relações sexuais, comemos como temos vontade, brigamos e nos alegramos sem interferências de terceiros e ainda organizamos a nossa ordem e a nossa desordem como queremos. Morar é uma extensão do nosso próprio jeito de ser. Os Homens de Rua, do nada fazem tudo. No privatizar o espaço público reconstroem na rua a casa que não conseguem ter (Alves, 1994, p. 59).

Mattos (2006) salienta que as variadas denominações existentes para tratar os “homens de rua” estão relacionadas também com a variedade de formas de vivenciar o uso do espaço público. Assim, o autor defende o uso de “pessoas em situação de rua” e explica o porquê estratificando as palavras, a começar por “pessoas”, no plural, de maneira a destacar não só aquilo que as iguala, mas também o que as diferencia. O segundo termo analisado é “situação”, que evidencia “o caráter transitório e passageiro da situação de rua como condição social” (p.41) em detrimento de substantivos como “morador de rua”, que nos passa a impressão de algo arraigado. Por fim, Mattos (2006) compreende o termo “rua” “como um lugar em um todo, numa relação dialética com a casa” (p.41), que se configura com local onde não há estabilidade, não há certa disposição de objetos e não há segurança.

DaMatta (2003) nos sugere observar o vaivém das pessoas que vão do trabalho para casa e de casa para o trabalho: os espaços se interagem e se complementam num ciclo diário:

A rua é o local do trabalho, do Estado, das leis e também da surpresa, da tentação e do lazer. É igualmente o lugar

do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade do lar onde nos refazemos da chamada ‘luta pela vida’. Casas são habitadas por famílias cujo núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância. A mesma carne e o mesmo sangue que legitimam um nome comum e sugerem interesses, tendências, bem como um destino compartilhado, respeitadas e preservadas. Mesmo quando uma casa é pobre, essas tradições se manifestam em móveis, receitas culinárias ou hábitos, ajudando a distinguir aquela ‘gente’ das outras, o que conduz a uma percepção do grupo familiar como tendo uma personalidade comum (DaMatta, 2003, p.11-2).

O autor vai além e afirma que cada “casa” brasileira é uma “pessoa moral”, ou seja, “um grupo com a capacidade de reagir em conjunto caso um dos seus membros seja atingido por algum infortúnio ou problema” (DaMatta, 2003, p. 12). A ideia reforça a tese de que casa não é apenas sinônimo de residência, mas um espaço dotado de emoção, sentimento, história e personalidade. “Em casa somos marcados por um supremo reconhecimento pessoal. Uma espécie de ‘supercidadania’ que contrasta com a ausência de reconhecimento que existe na rua” (p.14). Além disso, quem tem casa, participa, em família, de alguns rituais de celebração, como por exemplo, os aniversários, as festas de formatura e os casamentos.

No entanto, há exceções entre as pessoas em situação de rua que compartilham das mesmas tradições. Este é o caso de Geppe Coppini, “o único mendigo [do município] de Anta Gorda” (Brum, 2006, p.42). Eliane Brum (2006) coloca em dúvida se o italiano, nascido em 1908, é realmente um mendigo, já que ele nunca precisou pedir esmola a ninguém. Ela conta que ainda menino, Coppini teria sido amaldiçoado por uma cigana que lhe rogou uma praga: “Enquanto viver, esse guri nunca mais terá bem” (p.43). Então, o rapaz, aparentemente enlouquecido, foi internado várias vezes em sanatórios, mas sempre fugia e peregrinava pelas hortas e pelos pomares da cidade, alimentando-se de verduras, frutas e legumes.

A autora relata a popularidade do homem: “Por quase todo esse século, Geppe não perdeu um casamento, um enterro, uma comemoração de santo. Depois que o vídeo desembarcou em Anta Gorda para registrar as festas, Geppe aparece em todas as fitas”

(p.43). Apesar de o registro de Eliane Brum ter sido feito no interior do Rio Grande do Sul, também é comum observar este tipo de situação em outras cidades, principalmente em bairros afastados, onde a concorrência por um “apadrinhamento” é sempre menor.

Contrastando a afirmação de DaMatta (2003, p. 15) de que “na rua não há amor, consideração, respeito ou amizade”, um grupo de colaboradores do projeto *Boca de Rua* escreveu um ensaio de como fazer da rua uma casa. Eis o “Hotel 1000 estrelas”, que foi publicado na revista *Ocas*” em maio de 2011:



Os autores começam o texto relatando que nem sempre quem tem uma casa, tem um lar. Afirmando que muitos sem-teto não têm casa, mas têm um lar, ou seja, um local onde se sentem protegidos:

Como nossa casa não tem parede, se pode dizer que as portas estão sempre abertas. As quatro estações do ano passam por lá, às vezes numa única semana. Mesmo sem tijolo nem tábuas, temos sala, cozinha, banheiro e quarto. Os sofás são caixotes; o fogão, tijolos empilhados; as panelas são latas. ... Para se protegerem da violência, os sem-teto quase sempre andam em grupos. ... Para nós, a

família real é a família da rua. Os irmãos, os pais e os filhos são os amigos.

Os desabrigados dizem ainda cada membro da família tem uma função: o cozinheiro, o que lê a bíblia à noite, o que busca a água para o banho e para o preparo dos alimentos. Os ambientes são armados e desarmados todos os dias devido ao “limpa” da Guarda Municipal.

Esses sem-teto fazem parte dos 12 mil desabrigados que comercializam *street papers* e colaboram com produções. São indivíduos que resolveram utilizar uma forma de comunicação para transcender<sup>5</sup> à realidade social.

### ***Street Papers: uma voz contra a pobreza***

*Street papers* são jornais e revistas vendidos por 12 mil desabrigados em 40 países do mundo<sup>6</sup>. O movimento teve início em 1989, em Nova Iorque, com o lançamento do jornal *Street News*, que surgiu como uma resposta para o problema de falta de moradia, que assolava os Estados Unidos, no século XX.

Gordon Roddick, um empreendedor da *The Body Shop Foudantion*, do Reino Unido, ao observar a empreitada estadunidense, levou a ideia para a Europa e, em 1991, os primeiros 30 mil exemplares da revista *The Big Issue* circulavam em Londres e geravam renda para 50 desabrigados. Essa organização- que se configura nos dias de hoje como um negócio social- cresceu, tornou-se a oposição das tradicionais políticas públicas e nos tempos áureos chegou a circular 280 mil cópias semanalmente, além de ganhar inúmeros prêmios jornalísticos.

Devido à grande aceitação do público e à adesão de participantes, a revista impulsionou o surgimento de dezenas de *street papers* mundo afora, que têm como principal objetivo melhorar a qualidade de vida e elevar a autoestima de quem faz da rua seu local de moradia e trabalho. Todos eles são vinculados à *International Network of Street Papers* (INSP), rede mundial que tem as funções de divulgar estas propostas editoriais, promover encontros anuais para fortalecer as instituições existentes e estimular a implantação de novos empreendimentos.

A INSP associa países desenvolvidos e em desenvolvimento, investindo na troca de conhecimentos e experiências entre as partes envolvidas no processo de produção, compra e venda destes periódicos (Walty, 2007). A pessoa em situação de rua compra,

com desconto, o produto da organização responsável e o revende pelo preço de capa. As publicações só podem ser adquiridas diretamente com os vendedores cadastrados, que circulam em pontos de venda alternativos e turísticos. Como regra geral, os desabrigados devem ter idade mínima de dezoito anos e antes de começar com o trabalho, precisam receber treinamento, assinar um código de conduta e portar crachá. Dentre as exigências comuns a todos os códigos de conduta, destacam-se a proibição da venda do produto sob efeito de drogas ou para pedir esmolas, além de ser vetado importunar os transeuntes.

Quatro anos depois do surgimento da *Big Issue*, foi inaugurado o primeiro *street paper* da América Latina, o *La Luciernaga*, em Córdoba, na Argentina, país que também conta com a revista *Al Margen*, de Bariloche e a *Hecho en Buenos Aires*, da capital.

No Brasil, o jornal *Boca de Rua*, de Porto Alegre, foi o primeiro veículo de comunicação alternativo vinculado à INSP a dar voz às pessoas em situação de rua, em 1999. Em 2002 foi concretizada a Revista *Ocas*”, que circula em São Paulo e Rio de Janeiro e, por último, em 2006, surgiu o jornal *Aurora da Rua*, de Salvador. O *street paper* do Rio Grande do Sul e o da Bahia se assemelham pela perspectiva participativa: nessas plataformas os desabrigados ajudam efetivamente na produção do jornal, atuam lado a lado da equipe multidisciplinar, sugerem pautas e apuram as notícias, que têm como foco a realidade das ruas.

Além dessas publicações há a *La Calle*, de Bogotá, que tem como lema o slogan “*superando la limosna*”. A revista chegou à Colômbia em 2007 e faz a divulgação de seu trabalho por diversos meios, entre eles, o *Facebook*. Também se configura como *street paper* atuante na América Latina a revista *La Callejera*, do Uruguai, vendida por pessoas em situação de rua e desempregados, que ficam com 60% do lucro das vendas.

Ao contrário dos empreendimentos da Europa, estas organizações não são autossustentáveis e precisam angariar fundos, doações e patrocínios para executar suas funções, além de depender, quase sempre, de mão-de-obra voluntária para a produção dos jornais ou da revista.

### **Comunicação em prosa e verso**

Em países democráticos, pensar em jornalismo nos remete à liberdade de expressão, que, por sua vez, é fundamental para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento social e humano. Segundo Alves (1994), pessoas que vivem em

situação de rua, por terem seus direitos violados em nome de sua pobreza, não exercem plenamente sua cidadania e, por isso, não têm voz. Sendo assim, destacamos a importância do surgimento dos *street papers* com destaque àqueles que abrem espaço não apenas para a venda, mas também para a produção dos jornais ou das revistas. Estes veículos têm a possibilidade de cumprir o papel do jornalismo de informar, registrar, instruir, orientar, formar opiniões, denunciar abusos, fiscalizar o poder e dar sentido à realidade de uma forma alternativa, que foge aos padrões dos grandes veículos de comunicação. Sobre este assunto, José Eduardo Faria (1979, p.7) pontua:

Não bastou um Gutenberg para que houvesse imprensa. Sim, porque a imprensa não é um simples processo tecnológico ou industrial. Pelo contrário, vinculada às modernas revoluções liberais, como a francesa ou a norte-americana, a imprensa é fundamentalmente reflexo da livre manifestação de pensamento, sem a tutela do Estado. Justamente por depender da livre iniciativa dos homens, ela tem um valor inestimável na vida de um país, no sentido de estabelecer os canais de comunicação que garantem o equilíbrio institucional dos regimes abertos. Nos dias de hoje, não é preciso ser jornalista para saber que, nas grandes e estáveis democracias, os meios de comunicação não se limitam a veicular um volume incalculável de informações, mas trabalham como verdadeiros instrumentos de correção e de realimentação das relações humanas e sociais.

Ao oferecer uma oportunidade de trabalho para pessoas, que, muitas vezes são iletradas, sequer possuem documentos ou experiência profissional, os empreendimentos responsáveis pelos *street papers* vão ao encontro do Artigo XXIII da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que diz: “Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego”. Além disso, quando publicam a produção dos vendedores, favorecem o Artigo XIX: “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este

direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteira.

A revista *Hecho en Buenos Aires* é um dos *street papers* que possuem um espaço reservado à produção da população de rua. Trata-se da coluna *Prensa del Asfalto*, na qual, em novembro de 2010, teve o poema “Voltar a ser” de Fabián Tanferno publicado. Os versos falam sobre os medos e os fantasmas das ruas escuras e do perigo de se acostumar a eles:



Na edição de dezembro 2010, essa coluna elencou algumas declarações dos vendedores sobre o balanço dos melhores acontecimentos do ano. No total, as citações de 22 vendedores destacaram situações pessoais variadas: ter adotado um cão abandonado, voltado a ter esperança, estar com a família por perto, ter conseguido comprar cartuchos para a impressora, ter dinheiro para pagar uma pensão etc. Muitos deles atribuíram às conquistas ao trabalho com a revista *Hecho en Buenos Aires*: Susana aprendeu a fazer poemas graças às oficinas de texto e Javier voltou a estudar e a morar em uma casa com apoio do serviço social da instituição:

## PRENSA DEL ASFALTO

NOS ACERCAMOS A NUESTROS VENDEDORES PARA SABER CUÁLES FUERON LOS MEJORES LOGROS DEL AÑO. AQUÍ SUS TESTIMONIOS. PARA TODOS DESDE HECHO EN BS. AS. ¡¡¡ FELIZ AÑO NUEVO !!!

### SUSANA, 1926.

¿Lo mejor del 2010?  
Y...puede ser el taller de poesía de Hecho en Bs. As. en el que me divertí cualquier cantidad. Aprendí a crear poesía..."

### SERGIO, 170.

"Que la gente me apoye mucho cuando vendo Hecho en Bs. As. en el subte D."

### EDUARDO, 870.

"Mi relación con Veronik"

### CLAUDIA, 2138.

"Adopté un perro abandonado en la estación de tren. Lo curé y lo cuidé. Tuve un gran crecimiento personal, cambié la perspectiva de un montón de cosas, conocí mucha gente, estoy tomando más decisiones que me dicta el corazón y no tanto la cabeza".

### ÁLVARO, 1373.

"No haber perdido la esperanza, la gente me dio motivos para salir adelante a lo largo del año"

### JULIO, 1877.

"Que la Presidenta de la Nación nos haya devuelto la nacionalidad a nosotros los argentinos."

### JAVIER, 2056.

Una de las cosas es que empecé a estudiar. La inauguración del cyber gratuito en Hecho en Bs. As. y también el hecho de que logré obtener un subsidio habitacional, que se tramitó gracias a los servicios sociales de Hecho en Bs. As."

### DANIEL, 432.

"Tener a mi nieta en mis brazos, mi familia cerca. Conseguir a lo largo del año que la casa esté en orden. Poder reunir a los que quiero hoy en una mesa".

### DOMINGO, 1847.

"La fiesta del Bicentenario fue una alegría inmensa en homenaje a los grandes patriotas de 1810. Otra de las cosas buenas que me pasaron es seguir en salud y en familia".

### ADRIÁN, 1477.

"Ver mayor conciencia social en la gente. A mi modo de ver se dejaron de evitar ciertos temas y se inició una mayor participación solidaria. Vi más acuerdo en el pensamiento político social, muy importante".

### MARTÍN, 2270.

"Economizarme y aprender a administrarme, y autogestionarme con la revista. Defender la idea de tener una casa. Acercarme a esa meta con este trabajo".

### ANDRÉS, 1970.

"Edificar mi hogar. Me di cuenta de muchas cosas de mi vida, que me abrieron la cabeza. Entendí que soy el sostén de mi familia y eso me dignifica. Tengo una familia hermosa".

### STELLA MARIS, 2051.

"Me puso muy contenta el festejo por los diez años de Hecho en Bs. As., siento que es un logro muy significativo y es muy gratificante sentir que soy parte. Fui muy feliz al encontrar a

todos celebrando . Y también estar un año más cerca de la clave de mi existencia: mis hijos".

### DAVID, 1946.

"En 2010 me gustó mucho la iniciativa de la la Asignación Universal por Hijo, que es bueno también para todas aquellas familias que aun no tienen trabajo estable, pero que trabajan, haciendo changas u otras cosas".

### MIGUEL, 739.

"Haber tomado clases de capacitación laboral a través de programas municipales del gobierno de la ciudad".

### MACARIO, 2328.

"Darme cuenta de la realidad plasmada en la calle. Pero una de las cosas buenas que me pasa es que estoy pudiendo salir adelante, y seguir generando paz y amor en mi Buenos Aires y en mi país y en el mundo".

### PAULA, 2324.

"Haber conseguido un trabajo en la revista Hecho en Bs. As. y estar los fines de semana con mi mamá e ir a los encuentros de la iglesia".

### FERNANDO, 1858.

"Muchas cosas buenas me pasaron este año...eh...y una de ellas es que todavía sigo con el proyecto de Hecho en Bs. As. que es muy importante para mí, y no sólo para mí, sino para todas las personas que están en muchos países vendiendo revistas de la calle".

### JUAN, 2189.

"Que la hayan dado el premio Nobel a Mario Vargas Llosa. Y un par de cosas más: que encontraran un planeta posiblemente habitables y que el Vaticano haya aceptado el preservativo".

### EDUARDO, 1885.

"Lo mejor del 2010 es que pude comprar cartuchos de impresora y pagar la conexión a internet donde vivo, en San Martín. Y eso gracias a que trabajó en Hecho en Bs. As. y doy clases a la tarde. Lo mejor es que vine a los talleres de arte de HBA, tanto en el 2009 como en 2010. Pero lo mejor es que se murió Massera".

### DAVID, 1706.

"Para todos los lectores de Hecho en Bs.As.: que sigan buscando a los vendedores, y que tengan buenas ondas para tener un mejor comienzo de año. Les deseo buena vida para todos ustedes."

### NORBERTO, 267.

"Empecé a cobrar la pensión, que me ganó con sacrificio y después de haber trabajado más de 50 años. Es lo mejor que me pasó".

LO QUE  
EL  
2010  
NOS  
DEJÓ



O espaço destinado à publicação de desabrigados na revista *Ocas* é a coluna *Cabeça sem Teto*, que em setembro de 2010 publicou um documento que vai de encontro ao Artigo V da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que em seu texto diz que ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante. Eis o "Relato do descaso":

## RELATO DO descaso

No dia 25 de agosto de 2010, o documento abaixo foi protocolado junto ao Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, em depoimento ao Promotor de Justiça sr. Rogério Pacheco Alves\*

Por questões pessoais que não convêm ao relato, chegamos à situação de rua e fomos obrigados a buscar ajuda junto à prefeitura do Rio de Janeiro, no Centro de Triagem para Migração (Stella Maris), ao lado de uma creche municipal, entre a favela Vila Joaniza e o Instituto para menores infratores Padre Severino, na Ilha do Governador.

Chegamos a este local no dia 5 de agosto de 2010 e, após horas de espera por um primeiro atendimento com a assistente social, nos foi comunicada a possibilidade de albergagem em um dos hotéis conveniados com a prefeitura. Para que pudéssemos ter acesso à essas vagas, teríamos de esperar no referido centro até a existência das mesmas.

Debilidados e emocionalmente fragilizados, constatamos, já desde o primeiro momento, que teríamos de nos proteger, pois o ambiente não se mostrava salutar. Tentamos vaga em um dos quartos e fomos informados pelo "educador" de que a única coisa que poderiam fazer seria providenciar-nos colchonetes.

Após o jantar, servido às 19h em um refeitório improvisado, com pessoas gritando por um lugar na fila, e com o educador

portando um porrete, a situação agravou-se ainda mais. Percebemos que pessoas com evidentes problemas psiquiátricos e sem nenhum tipo de assistência especializada, ou mesmo de enfermagem, conviviam com a população de rua. Uma menina aparentando 20 e poucos anos de idade menstruou sobre a cadeira à nossa frente e nada foi feito a respeito, embora a cadeira tenha ficado cheia de sangue. Muitos outros falavam sozinhos, comiam restos de comida das mesas, ou se ameaçavam, sendo alvo de truculência ou chacota dos demais internos.

O prometido colchão nos foi entregue por volta das 22h e fomos instruídos a estendê-los sobre o chão, embaixo de uma marquise interna. Tentamos em vão. O fato é que os colchões estavam imundos, cheios de fezes, e os cobertores, urinados. Ainda assim, não haveria possibilidade de dormir ali, pois o espaço sob a marquise estava superlotado. Dormimos ao relento, no "jardim", e conseqüentemente, passamos não somente a primeira, mas todas as outras noites sem conseguir dormir direito.

Nesse grande equipamento social, quando anoitece, os funcionários somem. Provavelmente munidos do mesmo medo que sentimos, posto que as drogas e a prostituição atingem níveis insuportáveis.

Observamos abrigados bêbados e muitos usuários de inalantes, como tiner, fazendo uso deles dentro das dependências do abrigo. Ficamos pasmos quando uma interna fez sexo a poucos metros de onde estávamos, com quatro ou cinco pessoas, na mesma noite, em troca de cigarros. Nossa atitude para a autopreservação foi de criar uma rotina, saindo do centro logo após o café de manhã e retornando à noite, na esperança de encontrar algum tipo de abrigo. Também sem possibilidade de tomar banho, pois os banheiros têm fezes boiando nos boxes, as pias não funcionam e os vasos sanitários estão contaminados por escabiose, segundo aviso da própria assistente social da instituição.

Vivenciamos na pele a incompetência e o não funcionamento desta máquina social, que colabora para a disseminação de seres humanos parasitários, ao invés de focar a reinserção social. O esforço da equipe é muito maior do que o equipamento sugere, pela quantidade de pessoas que comporta e pela gama de atribuições que lhes são passadas. Presenciamos, por fim, uma batalha de facções inimigas, quando um interno foi retirado do abrigo por uma gangue rival. Vimos uma fábrica de reprodução das piores facetas da delinquência e do desrespeito à vida.

Sendo transferidos para o hotel Champagne no dia 9 de agosto, fomos alojados em um quarto imundo, cheio de ratos, com camas quebradas e usuários de crack fumando pelos comedores. Saímos desses locais muito mais fragilizados do que entramos, mas com a fortalecida necessidade de denúncia e de justiça. Esse sistema falido e excludente foi ironicamente criado por um governo que diz apoiar o slogan "Brasil, um país de todos". Fica a pergunta: todos quem? ■

\* O MP solicitou reunião com o prefeito, que deve ser realizada no dia 16 de setembro. A denúncia chegou até a Ocas por meio do Fórum Permanente sobre População Adulta em Situação de Rua do Rio de Janeiro. Ela também foi apresentada na Comissão da Câmara dos Vereadores que acompanha a questão da população de rua.

O texto foi produzido por desabrigados do Fórum Permanente sobre a população Adulta em Situação de Rua do Rio de Janeiro. Eles explicam já no parágrafo inicial que precisaram buscar ajuda da prefeitura do Rio de Janeiro para conseguir vagas em um albergue. A narrativa se dá através do testemunho dos sem-teto sobre a calamidade do abrigo público: superlotado, com os banheiros contaminados e sem condições de uso.

Houve denúncias graves sobre o uso de drogas e prostituição, práticas proibidas dentro destes estabelecimentos, além da ineficácia dos profissionais com medo de represália. A importância desta produção é que ela traz à tona denúncias pouco exploradas pelos grandes meios de comunicação. Com o efeito desejado, a publicação já serviu como ferramenta para que o Ministério Público fiscalizasse estes problemas. Outro ponto positivo que destacamos é que o público que tiver contato com esta leitura passará a entender porque muitos sem-teto preferem dormir nas ruas a ir para um abrigo público.

### **Considerações finais**

Os *street papers* surgiram como uma oposição ao modelo tradicional de jornalismo e, com essa perspectiva, reproduzem a idéia de que as pessoas em situação de rua têm condições de lutar por uma sociedade mais participativa. As desigualdades existem desde quando se é possível pensar em pessoas vivendo em coletividade, o que não significa dizer que apenas os indivíduos que possuem casa têm o direito universal de exercer sua cidadania. Por meio de uma ferramenta de comunicação, estes empreendimentos ajudam a mudar, mesmo que sutilmente, alguns paradigmas, como por exemplo, de que as pessoas que vivem nas ruas não podem escrever para uma revista. Como sublinha Diaz Bordenave (2003, p. 100): “A transformação de uma sociedade liberal representativa numa sociedade participativa passa forçosamente pela participação pessoal, e esta passa forçosamente pela comunicação”.

E como afirma Lorenzo Gomis (1991) no livro “*Teorias del periodismo*”: o jornalismo interpreta a realidade social para que a sociedade possa entendê-la e modificá-la. O autor diz que o jornalismo está impregnado em nosso dia-a-dia e ouvindo rádio, vendo TV ou lendo jornais, o ser humano entra em comunhão com a realidade. Dessa forma, os *street papers* se configuram como outra opção para entrar em contato com uma realidade pouco referenciada, a da vida de pessoas em situação de rua.

## Referências

- Alves, M. (1994). Viagem ao mundo dos homens de rua. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC-SP, Brasil.
- Brum, E. (2006). A vida que ninguém vê. Porto Alegre, Brasil: Arquipélago Editorial.
- Cabeça sem Teto. (2010). Ocas”, 73, 8.
- Cabeça sem Teto. (2011). Ocas”, 77, 8-9.
- Damatta, R. (2003). O que é o Brasil? Rio de Janeiro, Brasil: Rocco.
- Diaz Bordenave, J. (2003). O que é comunicação. São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Faria, J. E..(1979). Jornalismo e participação. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva.
- Frangella, S. (2010). Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. Revista de Antropologia, (2), 801-808.
- Gomis, L. (1991). Teoría del periodismo: cómo se forma el presente. Barcelona, Espanha: Paidós, 1991.
- Heidegger, M. (1983). Conferências e escritos filosóficos. Trad. Ernildo Stein- 2 ed. São Paulo, Brasil: Abril Cultural.
- Mattos, R. (2006). Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil.
- Prensa del Asfalto. (2010). Hecho en Buenos Aires, 125, 29.
- Tanferno, F. (2010). Volver a ser. Hecho en Buenos Aires, 124, 29.
- Velho, G. (2003). Desvio e divergência: uma crítica da patologia social. 8.ed. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Walty, I. (2007). Os intelectuais e os moradores de rua: uma parceria em construção? Letras de Hoje. Porto Alegre, 42, 77-84.

---

<sup>1</sup> Suzana da Silva Rozendo, mestranda da linha Processos e Produtos Jornalísticos da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, estuda a população de rua e os street papers desde 2008. E-mail: sukirozendo@hotmail.com

<sup>2</sup> MINISTÉRIO DA JUSTIÇA Declaração Universal dos Direitos do Homem (2012, fevereiro). Disponível em: [http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm)

<sup>3</sup> Alguns depoimentos podem ser visualizados no documentário “Droga de Rua” (2012, fevereiro), disponível em: [http://www.suzanarozendo.blogspot.com/2009\\_09\\_01\\_archive.html](http://www.suzanarozendo.blogspot.com/2009_09_01_archive.html). Trata-se do trabalho de conclusão de curso de Jornalismo da autora, realizado em 2008, para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Também há depoimentos no documentário “À margem da imagem”, de Evaldo Sérgio Mocarzel.

<sup>4</sup> G1 Morre morador de rua (2012, fevereiro). Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/02/morre-um-dos-moradores-de-rua-que-teve-corpo-queimado-em-brasilia.html>.

<sup>5</sup> Entendemos o termo a partir de Heidegger (1983), para quem transcender significa ultrapassar barreiras. Um exemplo de transcendência que podemos citar é o do ex-sem-teto que virou empresário e, em janeiro de 2012, faturava 100 mil reais ao mês. G1 Morador de rua vira empresário. Disponível em: <http://classificados.folha.uol.com.br/negocios/1037507-ex-morador-de-rua-vira-empresario-e-fatura-r-100-mil-ao-mes.shtml>.

<sup>6</sup> INSP (2012, fevereiro). Disponível em <http://www.street-papers.org/>.